

“A minha poesia sou eu” - do Cabral poeta ao Amílcar combatente: ecos da libertação nacional na literatura guineense

“A minha poesia sou eu” – from Cabral poet to the combatant Amílcar: echoes of national liberation in Guinean literature

Luís Carlos Alves de Melo¹

RESUMO: O presente artigo revisita o percurso histórico-político de Amílcar Cabral e observa como seu pensamento influenciou literariamente a formulação de uma poesia de combate/revolucionária. Para tanto, tomamos como objeto de reflexão os poemas-homenagem registrados na antologia poética *Mantilhas para quem luta!* (1974). A partir dessas reflexões, tem-se como resultados que sua obra revela a face de um mito-vivo cuja influência nos arranjos da luta armada de libertação nacional continuam a fazer eco na literatura guineense.

ABSTRACT: This paper revisits the historical-political path of Amílcar Cabral and observes how his thinking literarily influenced the formulation of a combat/revolutionary poetry. For that, we use as object of reflection the tribute-poems recorded in the poetic anthology *Mantilhas para quem luta!* (1974). From these reflections, the result that this work reveals the face of a living-myth whose influence on the arrangements of the armed struggle of national liberation continue to echo in Guinean literature.

PALAVRAS-CHAVE: Amílcar Cabral; Guiné-Bissau; Literatura guineense; Poesia de Combate.

KEYWORDS: Amílcar Cabral; Guinea Bissau; Guinean literature; Combat poetry.

¹ Professor Adjunto (nível A) de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Letras (Teoria da Literatura e Literatura Comparada). E-mail: luisacam@outlook.com

1 Amílcar Cabral: um percurso em formato de introdução

A nossa luta tomada no seu aspecto fundamentalmente político, no seu aspecto principal que é o aspecto político. Claro que, para definirmos, por exemplo, a estratégia e até as táticas que adaptamos na nossa luta armada de libertação, outros princípios foram enunciados, embora esses princípios de luta armada não sejam mais do que a passagem dos nossos princípios gerais para o campo da luta armada”.

(Unidade e Luta, de Amílcar Cabral - 1974).

Figura-chave da unidade nacional guineense, Amílcar Cabral completaria um século de existência se ainda estivesse vivo. Filho mais ilustre de Guiné-Bissau, herói nacional e mito das histórias onde a esperança ainda reina, o poeta-combatente nasceu na cidade de Bafatá, na antiga Guiné-Portuguesa, atual Guiné-Bissau, em 12 de setembro de 1924. Filho de cabo-verdianos, naturais da ilha de São Tiago, o pai, o escritor Juvenal Antônio da Costa Cabral, e a mãe, Iva Pinhel Évora, conheceram-se no território guineense, por volta de 1922 (CHABAL, 1983, p. 29). Escritor, agrônomo e político, Cabral tinha fortes ligações com os ensinamentos da teoria marxista, tendo inclusive citado as obras de Lênin inúmeras vezes em seus discursos.

Seu engajamento político despertou logo cedo e as marcas de um nacionalismo africano ficavam cada vez mais evidentes em suas ideias. Parte disso

deve-se indiretamente ao pai, a quem Cabral acompanhou enquanto este ocupava cargos de alto revelo na administração pública. Dessa experiência ele pode ver de perto questões econômicas, políticas e sociais que acometiam tanto a Guiné-Bissau, quanto Cabo Verde. Por outro lado, de seu relacionamento com sua mãe, ao que parece, Cabral desenvolveu seu senso de responsabilidade, força de vontade e determinação para alcançar seus objetivos e metas, qualidades que a mesma possuía (CHABAL, 1983, p. 30-31).

A infância de Cabral foi marcada pelas constantes mudanças de sua família, em parte por conta do trabalho do pai. Entre 1928-1929, a família regressa a Cabo Verde, mas a mãe, já separada de seu pai, retorna a Guiné. Cabral permanece com sua mãe até 1933, quando embarca para Cabo Verde para viver com a família do pai. Mais tarde, no ano seguinte, a mãe retorna à ilha e eles voltam a viver juntos novamente. Cabral iniciou seus estudos primários aos doze anos em São Tiago. Com a mudança da mãe para Mindelo, na ilha de São Vicente, o jovem teve que terminar seus estudos no Liceu Gil Eanes, o que viria a acontecer quando este atingiu os 20 anos de idade.

Em 1944, retorna à Praia e começa a trabalhar na Imprensa Nacional. Ao mesmo tempo, empreende-se em tentativas para conseguir uma bolsa de estudos em Portugal, para concluir seus estudos superiores, algo que viria a ocorrer já em 1945, quando recebeu a bolsa por meio da seção cabo-verdiana da Casa dos Estudantes do Império. Em outubro do mesmo ano, com 21 anos, Cabral parte para Lisboa em busca do diploma de agrônomo, o que se concretizaria em 1950, aos 26 anos (CHABAL, 1983).

O breve contexto que envolve a vida de Amílcar Cabral, a começar pela família de imigrantes cabo-verdianos assimilados, as experiências vividas, as influências recebidas do pai e da mãe, além de todo o percurso de sua formação intelectual são elementos-chave para que possamos compreender seus ideais e refletir sobre a formação de sua vida política que, em parte, se inicia nas experiências junto à Casa dos Estudantes do Império² (CEI), em Lisboa. Na instituição, ao estabelecer contato com estudantes de outras colônias, ele pôde compartilhar experiências, amadurecer uma consciência política e atuar diretamente na criação de um clube desportivo nacionalista, projeto que frutificou no Clube Desportivo e Recreativo de Bissau, em 1954.

Embora seja lembrado com maior vigor por sua trajetória político-revolucionária, foi também exímio escritor, tendo sido antes de herói nacional, um poeta combatente. Os primeiros registros de sua poesia datam de 1945 e provavelmente foram escritos durante sua permanência em Cabo Verde. Sua produção se estenderá até 1970, resultando em um compilado de textos poéticos, teóricos, políticos e discursos proferidos nos Congressos do Partido Africano para Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC). Sua obra poética se situa no que convencionamos chamar de momento revolucionário, ou poesia de combate,

² A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi uma associação de acolhimento de jovens ultramarinos estudantes em Portugal. Criada em 1944, no bojo do Estado Novo português, a CEI possuía uma sede em Lisboa e outra em Coimbra, por onde passaram vários jovens. Segundo Castelo (2011, p. 2), a CEI que foi criada “no contexto da política imperial do Estado Novo, cedo se revelou um espaço de fermentação de uma consciência anticolonial entre jovens oriundos das colônias a estudar em Lisboa”. A mesma teve seu encerramento em 1965, pela PIDE. Para maiores detalhes, consultar artigo disponível em:

https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO%2c%20A%20Casa%20dos%20Estudantes%20do%20Imp%C3%A9rio.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024

entre 1945 e 1970, utilizando uma divisão sistemática da literatura da Guiné-Bissau (MELO, 2017), que, em certa medida, acabou por influenciar fortemente as fases seguintes e os escritos de outros escritores guineenses.

Nesse sentido, para além de revisitarmos os percursos de engajamento político, da arquitetura da luta armada e construção de um pensamento teórico de base para o processo de libertação da Guiné-Bissau, buscamos refletir sobre o modo como o poeta-combatente influenciou e foi retratado pelos seus pares no desenvolvimento da literatura guineense. Para tanto, além de pensarmos Cabral como marco da chamada poesia de combate/revolucionária, demonstramos que, mesmo após sua morte e, até os dias atuais, seus ensinamentos e sua luta impactaram os modos de se fazer literatura na Guiné-Bissau, a exemplo dos poemas-homenagem da antologia *Mantêhas para quem luta* (1974).

2 Sobre lutas e independência: Guiné-Bissau nos trilhos dos conflitos

“A luta armada de libertação, desencadeada como resposta à agressão do opressor colonialista, revela-se como um instrumento doloroso, mas eficaz para o desenvolvimento do nível cultural, tanto das camadas dirigentes do movimento de libertação como das diversas categorias sociais que participam na luta”.

(Libertação nacional e cultura, de Amílcar Cabral – 2011)

Antes de adentrarmos no aspecto poético, importa refazermos alguns caminhos que nos levam aos trilhos do conflito na Guiné-Bissau. Há cinquenta anos, o país viu resplandecer em seu céu o sol da liberdade, de uma independência conquistada a duras penas e mediante de uma luta que trouxe muita dor e sofrimento aos povos locais; mas não maiores que os flagelos dos grilhões coloniais, que por tantos anos legaram os povos à opressão. Desde que os portugueses chegaram à Guiné, por volta do século XV, até sua partida em 1973, às vésperas da Revolução dos Cravos, o sonho da independência foi perseguido com afinco pelos povos colonizados, mesmo que em algumas vezes de forma inconsciente. Foi um sonho que encontrou no colonialismo as bases para sua formação, enquanto resistência. Acerca dessa narrativa, Mário Pinto de Andrade aponta que “foram as condições históricas, alienantes e subjogadoras do colonialismo clássico que desencadearam a guerra do povo em África, e particularmente na Guiné-Bissau” (ANDRADE, 1975, p. 13).

Segundo Moema Augel, a primeira metade do século XX foi marcada por um clima de intensa insatisfação que envolvia toda a África, numa busca incessante pela liberdade. Nesse contexto, surgem nas colônias alguns intelectuais de grande importância para o período de independência, estudantes da CEI que se reuniram para fortalecer discussões sobre o nacionalismo e para a troca de experiências nas mais diversas áreas. O conhecimento adquirido por esses intelectuais possibilitou que esses, ao retornarem a seus países de origem, pudessem desenvolver ações políticas com vistas à libertação de seu povo (AUGEL, 2007).

Cabral, que estava ligado a duas colônias: Guiné e Cabo Verde, foi o “dirigente intelectual, militar e político da luta da libertação, [...] admirado e aplaudido

internacionalmente como teórico revolucionário, chefe militar e estadista” (AUGEL, 2007, p. 60). Dos anos de CEI e de sua experiência nas zonas rurais da Guiné ou ainda da experiência de sua diáspora forçada³, Cabral fortaleceu as bases de fundação de seu partido concentradas na contestação do regime colonial, na resistência como forma de libertação e na cultura como “arma da teoria”. O massacre dos estivadores, no cais de Pindjiguiti, em 3 de agosto de 1959, viria reforçar os movimentos de libertação nacional, criando estruturas sólidas para a luta armada. Mas essa não seria uma luta que se iniciaria nos grandes centros da Guiné-Bissau da noite para o dia, pelo contrário, necessitava de uma unidade nacional. A confluência entre as forças sociais advindas das camadas rurais mais pobres, trabalhadores assalariados e uma pequena burguesia veio a se transformar na força motriz que impulsionaria a luta armada. Os camponeses viriam “a constituir a principal força física da luta de libertação nacional, mas não a mais importante” (ANDRADE, 1975, p. 14); esta ficaria a cargo da pequena burguesia e dos assalariados.

Cabral percebeu que dificilmente poderia haver uma solução que não passasse pela luta armada quando se pensava em independência, e diante disso, em 3 de janeiro de 1963, depois de um longo período de discussões e preparo, “foi desencadeada a luta armada para a libertação do país, nas frentes do Sul e do Leste, a partir de bases militares de guerrilha na vizinha República da Guiné. Meses depois, em julho, foram abertas frentes de combate ao Norte” (AUGEL, 2007, p. 60). Resistir aos momentos violentos que estavam por vir e tornarem-se independentes a qualquer custo eram premissas a serem perseguidas pelos combatentes. Serem

³ Dispersão. O termo faz referência aos sujeitos de uma determinada nação que por questões de força maior precisam abandonar sua terra. No caso de Amílcar Cabral, a dispersão se deu por conta das perseguições do regime colonialista.

independentes era uma meta a ser alcançada, “uma condição indispensável à existência de homens e mulheres verdadeiramente libertos, isto é, donos de todos os meios materiais que tornam possível a transformação radical da sociedade (FANON, 1968, p. 267).

As lutas para a independência tinham como um de seus pressupostos a recuperação do direito inalienável de um determinado povo, “a ter sua própria cultura”. “O objetivo da libertação nacional é, portanto, a reconquista desse direito, usurpado pelo domínio imperialista, ou seja: a libertação do processo de desenvolvimento das forças produtivas nacionais”. (CABRAL, 2011, p. 361). Logo, ser independente pressupunha a completa libertação do jugo e do domínio estrangeiro. Note-se que uma das primeiras armas da dominação colonial é tentar apagar a cultura de um povo, renegar sua língua, sua religião, torná-lo um grupo que precisa da civilidade das “culturas superiores”. Não quer dizer, entretanto, que esse povo liberto deve abandonar completamente a cultura colonial. Cabral acreditava que reconhecer as contribuições importantes do opressor e outras culturas era a única maneira de tornar-se livre culturalmente. Segundo ele, se o domínio imperialista tem como necessidade vital praticar a opressão cultural, a libertação nacional é, necessariamente, um *ato de cultura* (CABRAL, 2011, p. 361).

Nesse sentido, escreve:

Como é sabido, a luta armada de libertação exige a mobilização e a organização de uma maioria significativa da população, a unidade política e moral das diversas categorias sociais, o uso eficaz de armas modernas e de outros meios de guerra, a liquidação progressiva dos restos de mentalidade tribal, a recusa das regras e dos tabus sociais e religiosos contrários ao desenvolvimento da luta (gerontocracia, nepotismo, inferioridade social da mulher, ritos e práticas incompatíveis com o carácter racional e nacional da luta, etc.) e opera ainda muitas outras modificações profundas na vida das

populações. A luta armada de libertação implica, portanto, uma verdadeira marcha forçada no caminho do progresso cultural (CABRAL, 2011 p. 373).

Sartre (1968, p. 14) afirmara que “a arma do combatente é a sua humanidade”. Esse é um princípio que, ao que nos parece, Cabral conhecia bem e carregou consigo durante todo o processo de construção poética e da luta armada de libertação nacional. Ele buscou trazer à tona a consciência política e social do seu povo, levando-os a reformular as suas identidades e ao mesmo tempo reforçá-las, enquanto membros de uma nação. Nessas condições, a libertação nacional não é sinônimo de luta armada, mas um fenômeno que consiste em um “conjunto socioeconômico determinado, em negar a negação do seu processo histórico. É a reconquista da personalidade histórica deste povo, é o seu regresso à história pela destruição da dominação imperialista à qual ele estava submetido” (ANDRADE, 1975, p. 24-25).

Mário Pinto de Andrade considerava que a luta de libertação “é o principal motor da marcha atual da história” (ANDRADE, 1975, p. 22). Se, no contexto no qual este autor é publicado, essa parece ser uma constatação lógica, é bem possível que nas trincheiras da luta armada nas matas também o fosse. Já Frantz Fanon afirmara que as lutas que um povo trava são meios de contestar uma determinada ordem, aqui no caso ilustrada em termos da “administração civil colonial, pela ocupação militar, pela exploração econômica” (FANON, 1968, p. 254). Quando a política falha ou não alcança os efeitos esperados, entra em cena o combate como única forma de romper com uma ordem opressora e reestabelecer a liberdade.

A luta que se iniciou na Guiné em 1963, tendo o PAIGC como articulador, utilizou de táticas de guerrilha operadas em Angola, que Cabral durante seu período

diaspórico conheceu de perto. Augel afirma que “a luta armada se tornou cada vez mais cruenta e desesperada, desenvolvendo-se por onze anos, em sistema de guerrilha, conquistando pouco a pouco quase todo o território guineense” (AUGEL, 2007, p. 61-62). A resistência e os confrontos intensos são marcas fundamentais desse período, das quais a maior, infelizmente, não foi a vitória do movimento de libertação, mas o assassinato do líder revolucionário Amílcar Cabral, em 20 de janeiro de 1973, em Guiné-Conacri. Tal crime ficou para a história e dele nunca se conheceram os mandatários (AUGEL, 2007).

Amílcar nunca veria (fisicamente) seu país se tornar livre como tanto idealizou, mas seus compatriotas não deixaram seu legado e sua luta ser um esforço em vão. Poucos meses após sua morte, no dia 24 de setembro de 1973, militantes e dirigentes do PAIGC declaram a independência unilateral da Guiné, tornada nesse momento Guiné-Bissau. O país foi a primeira, entre as colônias portuguesas, a declarar a independência. Há que se ressaltar, no entanto, que Portugal não reconheceu de imediato tal condição, embora a mesma tenha sido endossada por parte da comunidade internacional (CAMPATO, 2012). Apesar disso, o regime ditatorial português já agonizava diante da força e expansão das lutas coloniais nos demais territórios africanos, somado, posteriormente, ao movimento articulado pelas patentes médias das Forças Armadas Portuguesas, o que culminou na Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Não tendo outra alternativa, Portugal se vê obrigado a reconhecer, em 10 de setembro de 1974, a independência da Guiné-Bissau (AUGEL, 2007).

Apesar do corpo físico de Amílcar Cabral jazer pelo caminho da libertação, seu espírito se manteve vivo e como bússola apontou os rumos que deveriam ser

tomados. Sua influência nas lutas e seus pensamentos impactaram diretamente a produção poética na Guiné-Bissau, seja por seus escritos em forma de literatura combativa, seja pelas referências a ele nos livros e coletâneas que foram surgindo ao longo do tempo.

3 *Mantanhas, camarada: a poesia de e para Amílcar Cabral*

As primeiras menções que temos ao nome de Amílcar Cabral dentro da literatura guineense estão registradas naquilo que condicionamos chamar de poesia de combate ou poesia revolucionária (MELO, 2017). No período revolucionário surge também a primeira obra, em prosa, de um nativo guineense chamado James Pinto Bull, autor do conto *“Amor e trabalho”*, publicado no *Boletim cultural da Guiné Portuguesa* em 1952 (COUTO; EMBALÓ, 2010), além de observarmos o surgimento da primeira obra de poesias de autoria de Carlos Semedo.

Nesse período se enquadram os chamados poetas da revolução que ganham essa alcunha por estarem inseridos ou participarem diretamente do período em que se iniciaram os movimentos revolucionários, que vão desembocar na independência da Guiné-Bissau. Segundo a escritora guineense Saliatu da Costa⁴, nesse momento deparamo-nos “com uma poesia revolucionária, onde começam a aparecer os primeiros poetas guineenses, com uma linha que visava combater a dominação e

⁴ Em 2012, por ocasião dos estudos sobre a literatura da Guiné Bissau, a escritora Saliatu da Costa nos concedeu uma entrevista em que aborda alguns aspectos sobre suas obras e a produção literária de seu país. As respostas ao questionário, enviado por e-mail, constam no anexo da dissertação de mestrado sobre a poesia da Guiné Bissau intitulado “Entrevista com a poetisa guineense Saliatu da Costa”. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/6888>. Acesso em: 15 jul. 2024.

incentivando, sobretudo à luta de libertação”, e onde destacam-se nomes como os de Amílcar Cabral, Vasco Cabral e António Baticã Ferreira. (MELO, 2017, p. 187). Além disso, a literatura ganha forte caracterização combativa, cujo intuito não é outro senão denunciar os processos de dominação colonial, a miséria do país e o sofrimento do povo guineense, com vistas a iniciar as lutas para a libertação nacional. Nesse momento, suas obras assumem uma visibilidade além das fronteiras africanas, que são marcadas pela contestação do sistema colonial e pela convocação do povo à luta (EMBALÓ, 2004).

Cabral foi o primeiro poeta guineense a liderar uma guerra de libertação, considerado entre seus pares como um verdadeiro herói nacional, fato que pode ser notoriamente comprovado no país, o típico poeta do *entre-lugar*. Segundo Couto e Embaló (2010), seus primeiros poemas foram escritos entre 1945 e 1946, em Cabo Verde, o que, por seu turno, o enquadraria, em certa medida, na transição da fase colonial da literatura guineense para a literatura combativa. Dentre suas obras mais importantes destacam-se: *Unidade e Luta* e *A arma da teoria*. Além de vários artigos e obras teórico-políticas, Cabral possui ainda uma obra poética riquíssima, embora curta, com a recolha de diversos poemas escritos ao longo de sua vida pelo caboverdiano Oswaldo Osório.

Curiosamente, durante muito tempo, pouco se produziu sobre o poeta combatente em termos de pesquisas, tendo Cabral sido lido e interpretado na maior parte dos casos por sua luta política e pensamento revolucionário. Em outras palavras, o poeta foi ficando esquecido na medida em que o revolucionário foi ganhando corpo a partir de seus discursos políticos e lutas em prol da libertação guineense e caboverdiana. Segundo Gerald Moser (1978), existem duas hipóteses

explicativas para o desconhecimento em torno do poeta Amílcar Cabral: 1) diferente de hoje, é provável que nenhum de seus versos tenha sido publicado à época, e, 2) o pouco que foi tornado público, surgiu em jornais de limitada circulação (MOSER, 1978, p. 177). É bem verdade que os tempos são outros e que com o advento das tecnologias podemos ter acesso a um acervo de obras e escritos da Guiné-Bissau, embora ainda encontremos alguma dificuldade de acessar obras e documentos fora de Portugal ou da Guiné-Bissau.

Apesar do poeta Cabral ser costumeiramente dissociado do combatente, não podemos nos esquecer de que se trata do mesmo homem, cuja individualidade representa toda uma coletividade de duas nações. Isso fica claro no poema intitulado “A minha poesia sou eu” (1946), em que ele revela essa indissociabilidade entre o homem e o poeta. Senão, vejamos:

... Não, Poesia:
Não te escondas nas grutas de meu ser,
não fujas à Vida.
Quebra as grades invisíveis da minha prisão,
abre de par em par as portas do meu ser
— sai...
Sai para a luta (a vida é luta)
os homens lá fora chamam por ti,
e tu, Poesia és também um Homem.
Ama as Poesias de todo o Mundo,
— ama os Homens
Solta teus poemas para todas as raças,
para todas as coisas.
Confunde-te comigo...
Vai, Poesia:
Toma os meus braços para abraçares o Mundo,
dá-me os teus braços para que abrace a Vida.
A minha Poesia sou eu.

O poema escrito em 1946, provavelmente em Cabo Verde, revela um homem inquieto diante das grades coloniais e que vê na luta a única fonte de libertação. Mesmo estando diante de uma colonização de corpos, Cabral entendia que o pensamento não poderia ser aprisionado. A luta, portanto, não se faz apenas com elementos físicos, com armas, mas também com letras e conhecimento.

Os elementos dessa premissa de Amílcar Cabral podem ser vistos na poesia de outro poeta guineense, o escritor Vasco Cabral, cujas obras abordam temáticas que envolvem o oprimido e a luta, a miséria e a esperança, o amor e a paz, algo típico dos discursos proferidos pelo líder revolucionário. Esse é um poeta que transita entre duas fases da literatura guineense, haja vista que sua obra mais famosa de poemas, *A luta é a minha primavera*, foi publicada em 1981, enquadrando-a na fase denominada *poetas da independência* (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 70).

Os traços de uma poesia revolucionária e de combate, de viés político, podem ser vistos mediante de sua composição “O último adeus de um combatente” (1955), apresentada na obra de Campato Jr. (2012, p. 50).

Naquela tarde em que eu parti e tu ficaste
sentimos, fundo os dois a mágoa da saudade
Por ver-te as lágrimas sangrarem de verdade
sofri na alma um amargor quando choraste

Ao despedir-me eu trouxe a dor que tu levaste!
Nem só o teu amor me traz felicidade
Quando parti foi por amar a Humanidade
Sim! Foi por isso que eu parti e tu ficaste!

Mas se pensares que eu não parti e a mim te deste
será dor e a tristeza de perder-me
unicamente um pesadelo que tiveste.

Mas se jamais do teu amor posso esquecer-me

e se fui eu aquele a quem tu mais quiseste
que se conserve em ti a esperança em rever-me!

O canto-poema de Vasco Cabral insere-se num contexto social da representação das guerras de revolução pelos quais o país há de passar. Ao tecer as tramas do soneto, o autor não apenas apresenta um viés histórico de seu país (com manutenção da estética), mas traça os caminhos de edificação da poesia guineense. Em certa medida, o que se nota tanto em Amílcar Cabral quanto em Vasco Cabral, é uma confluência temática que ao fim das contas representa um ideal nacional, ou seja, a luta pela libertação nacional é uma premissa de toda uma coletividade.

Entre 1970 e 1980, no período denominado de poesia/poetas da independência, observamos o surgimento de uma literatura com viés de afirmação nacionalista, no qual temas como colonialismo, escravatura e repressão passam a fazer parte das produções da época, conduzindo a um discurso de apelo à construção nacional, à liberdade e à esperança. As identidades, antes submetidas às grades coloniais, tornam-se questões fundamentais entre os escritores, de modo que sua evocação é uma busca pela reafirmação de uma cultura nacional.

Os primeiros registros sobre essa fase dão conta que *Poilão* (1973) foi uma das primeiras obras lançadas, não exclusivamente por guineenses, mas com o contributo de poetas cabo-verdianos. Dos guineenses que participaram da obra, destacam-se Pascoal D'Artagnan Aurigemma, Atanásio Miranda, António Baticã Ferreira e Tavares Moreira, dos quais Miranda e Moreira parecem não ter dado continuidade aos trabalhos, pelos menos não que se saiba, haja vista que não se encontram registros de poesia posteriores. Em 1977, teve registro a obra *Mantenhás para quem luta*, com contributo de 14 autores de destaque entre os intelectuais

guineenses, dentre os quais encontramos Agnelo Regalla e Antônio Soares Lopes Jr., o Tony Tcheka. Nessa antologia em especial, é possível visualizarmos alguns poemas endereçados diretamente a Amílcar Cabral e que, dentre outras coisas, exaltam seu papel na luta de libertação nacional e sua influência nos rumos futuros do Estado-nação livre e liberto.

Da obra em apreço, resgatamos uma das mais emotivas composições escritas por Agnelo Regalla, que presta homenagem ao líder revolucionário Amílcar Cabral, morto em 1973. O poema é lido em muitos encontros culturais guineenses, conforme registra Campato Jr. (2012, p. 123), e estampa as páginas iniciais da antologia. Desfrutemos, pois, de “Camarada Amílcar” (1974, p.9-10):

No chão vermelho
Do teu sangue, Camarada,
Caem como gotas de orvalho
As lágrimas sinceras de dedicação.
As flores da nossa luta
Que tu com carinho plantaste,
Estão a desabrochar
Em gargalhadas infantis
E descansa, camarada Amílcar,
Descansa que não secarão.
Serão sempre regadas
Com o nosso suor e sangue,
Serão Sempre alimentadas
Pela força a nossa vontade.
E serão camarada Amílcar,
Serão livres... livres...
Livres como as gargalhadas que saltam
Livres como o sol do nosso hino,
Livres como o vento que desfralda
A nossa bandeira,
Livres, como a liberdade com que sonhaste.
É assim camarada, é assim...
Uns chegam ao fim,
Mas outros ficam pelo caminho

Não por desfalecimento,
Mas pelo seu valor e coragem.
E dentre todos,
Os mais felizes
Serão os que conseguirem plantar
As flores que deixaste,
No canteiro livre
Da Guiné e Cabo Verde.

Mais do que uma simples homenagem ao poeta combatente, Regalla lança mão de sua poesia para exaltar o Camarada Cabral e seus feitos. Note-se, por exemplo, que a composição demarca a dedicação e a coragem para a luta do líder revolucionário que tendo plantado as sementes da resistência não pode contemplar os frutos que vicejam “das flores de nossa luta”, agora regados pelo sangue do combatente morto no prenúncio da libertação (REGALLA, 1974 p. 9). O poema, como se nota, é o próprio Cabral – símbolo da luta e da liberdade guineense –, cuja herança e os ensinamentos semearam e farão surgir a tão sonhada liberdade nos solos sarrados da Guiné e de Cabo Verde.

Da mesma antologia, podemos colher o poema de Antônio Soares Lopes, ou apenas Tony Tcheka. O poeta representa, sem equívocos, a maior figura de representação do engajamento e de uma poesia de caráter militante da história guineense, além de figura-chave na promoção e difusão da literatura produzida dentro e fora das fronteiras guineenses. É, conforme sustenta Campato Jr., (2016, p. 153), “o patrono da literatura da Guiné-Bissau”. Na composição homônima ao livro, o poema “Mantinhas” (1974), é possível se verificar de início ao fim um movimento de deferência e saudação aos combatentes e espaços de luta da Guiné-Bissau. Acerca disso, importa registrar que o termo mantinhas é uma expressão em crioulo utilizada tanto na Guiné-Bissau, quanto em Cabo Verde que pode significar

saudações, cumprimentos ou lembranças. Em outras palavras, o poema (e a própria antologia) é uma saudação em forma de cumprimento aos combatentes direta ou indiretamente ligados às lutas de libertação de ambas as nações. Vejamos o poema “Mantenhas” (TCHEKA, 1974 p. 31-32)

Mantenhas da luta tenho!...
Mantenhas, para quem luta!...
E não só...
Mantenhas... são mantenhas
Tenhas ou não participado...
Mantenhas trago para ti
Mantenhas de quem o povo serviu
Mantenhas de quem, sendo simples
Grandemente o povo serviu.
Mantenhas daquele que sucumbindo
Com o próprio sangue o inimigo acertou
(A Lua é assim exige Sacrifícios)
Por isso mantenhas...
Mantenhas para os que merecem
O merecimento do Pindjiguiti
O merecimento do Como
O merecimento de Cassaká
O merecimento de Guiledje
O merecimento de Cabral
O merecimento da Luta
O merecimento das mantenhas
A mantenha Combatente!!!
A mantenha para aqueles
Que engajados continuam
Mantenhas para que não mais haja
Botas estrangeiras espezinhando o nosso sentimento...
A nossa cultura...
A nossa razão...
Por isso mantenhas... Mantenho
Decididamente, mantenhas!!!
Mantenhas de firmeza
Mantenhas militantes
Mantenhas na certeza
De que nada será, como ontem
Jamais as nossas crianças

Matarão a sede
Com as lágrimas da fome
Por isso e por tudo isto
Mantenhas, mantenho nas mantenhas.

Ao longo da composição, Tcheka vai fazendo referência a alguns locais importantes dentro da história de libertação da Guiné-Bissau, ao mesmo tempo em que mostra certa deferência ao utilizar a forma de saudação por meio do termo *mantenhas*. Em suas palavras, o agradecimento em forma de cumprimento e saudação é para “os que merecem” (TCHEKA, 1974 p. 31). Assim, inicia fazendo uma saudação ao *Pidjiguiti*, numa referência ao massacre que ceifou a vida de estivadores e marinheiros do porto guineense pelas autoridades coloniais portuguesas em 1959. O acontecimento marca o fortalecimento dos movimentos de libertação nacional e da luta armada, sendo considerado o ponto de efervescência para a guerra colonial na Guiné-Bissau. A citação aos setores administrativos de Como, Cassaká e Guiledje, de igual modo, indicam um cumprimento em forma de saudação a estes espaços em que as lutas de libertação se iniciaram e se prolongaram (Como), onde foram realizados os primeiros congressos do partido de libertação nacional (Cassaká), e onde ocorreram os primeiros ataques aos quartéis portugueses, tomados pelo partido de libertação (Guiledje). E, por fim, temos o merecimento das saudações ao símbolo da luta independentista guineense, Amílcar Cabral, ao movimento de luta simbolizado pela coletividade dos combatentes e para todos aqueles que “engajados continuam [...] para que não haja botas estrangeiras espezinhando o nosso sentimento, a nossa cultura, a nossa razão” (TCHEKA, 1974 p. 31-32).

Por derradeiro, mas não menos importante, extraímos da antologia um poema de Nagib Said na qual temos uma verdadeira homenagem ao poeta

combatente que mesmo deitado pela morte nos caminhos da libertação nacional, se faz presente como símbolo de liberdade, esperança e de um futuro melhor em que Guiné-Bissau e Cabo Verde tenham os filhos libertos e possam experimentar o progresso (SAID, 1974 p. 83). Vejamos, pois, o poema “Em género de homenagem à memória do camarada Amílcar Cabral” (SAID, 1974 p. 81-83).

Na noite colonial
Sou apenas a máquina
Que tritura o teu nome
Num ritmo dolente.
Sou a sombra apagada
Que busca uma luz para se refugiar.
Sou o pintor fanático
Que será sem tintas e sente a inspiração nascer

Sou alcoólico louco
Que não tem vinho mas tem necessidade de beber

E olha, lembras-te...
Sou como o velhinho
Que dormita cansado de ainda viver.
Sou o remorso oco
Dum edifício louco
Sou o doido incompreendido
Que foge e procura a solidão para renascer.
Sou o esfomeado
Que grita mais e mais até ficar rouco
E exausto chorar:
As lágrimas caem
O sorriso apaga-se
O eco vai-se
Perde-se contigo
Na imensidão opaca
Que te tragou.
E a máquina
Apática
Insensível e feia
Continua sozinha
Num ritmo dolente

A triturar teu nome
Pela noite adiante.
Mas nós, irmão
Carne duma mesma carne africana,
Sangue dum mesmo sangue,
Somos
O Eco triste da voz materna
Que chora calada
Até que cansada
Se vai prostrar orando na angústia do amanhã,
As mágoas tristes do nosso discurso, sem nada dizer.

Eu sinto, sinto como tu sentiste a rebeldia faminta do meu corpo
Convulsionando-se contra as amarras de aço,
Que me tiram os movimentos,
E me recalcam o orgulho são
Desta divina vontade de criar.
E ponho-me de joelhos, beijo o aço, beijo a poesia
E adoro a minha loucura.
E juro-te, farei como tu fizeste.
Darei o meu sangue palpitante por esta terra bem amada,
E mesmo que o faça com um fio de lágrimas
A beijar-me o rosto menino,
Quero que saibas
No frio da tua tumba,
Que o faço com orgulho e esperança
De que os nossos pais repousem em paz
E os nossos filhos nasçam libertos
Por uma Guiné e Cabo Verde voltados para o progresso.

O tom emotivo do poema se mistura ao sentimento de esperança que a figura de Amílcar Cabral representou e ainda representa aos filhos da Guiné-Bissau e, porque não dizer, de Cabo Verde. A morte do poeta combatente foi um duro golpe para o movimento de libertação do país, mas ao mesmo tempo serviu de fonte de inspiração para a busca pela liberdade. Mesmo repousando em tumba fria (SAID, 1974), os ideais cabralinos se espalharam pelos quatro cantos da Guiné e traçaram

nos campos de batalha os caminhos a se perseguir. Apesar da morte, o pensamento e os ensinamentos de Cabral permaneceram.

Os versos finais do poema refletem uma das premissas do compromisso de Amílcar Cabral com a luta na Guiné-Bissau: ela era apenas um homem em busca de liberdade, mas que não poderia fazê-lo sozinho e sem o povo. A pecha de herói nacional que lhe foi atribuída, apesar do valor, foi algo do qual ele sempre tentou se desvencilhar e desconstruir. O uso dessa desconstrução no discurso de Amílcar Cabral busca trazer compreensão ao povo de que a luta é do povo e que ele é o vetor de execução desse enredo. Para ele, a vitória só seria conquistada na medida em que cada um dos guineenses compreendesse seu papel na luta, no qual só permaneceriam aqueles que se doassem por completo à causa do “povo” (CABRAL, 1974).

4 Uma palavra final em forma de conclusão

De tudo o que foi dito ao longo desse artigo, resta claro que a figura de Amílcar Cabral é, sem margem para dúvidas, um marco tanto na história de Cabo Verde quanto da Guiné-Bissau. Como combatente e como poeta, desempenhou papel importante na construção da luta armada e nos processos que culminaram na independência do seu chão-pátria, assim como demarcou um importante processo de transição entre a literatura colonial guineense e a literatura de combate/revolucionária. O corpo físico acabou tombado pelos caminhos tortuosos e espinhosos do chão da luta, mas seu espírito permanece vigilante aos abalos e fantasmas que ainda hoje assombram a Guiné-Bissau.

Tal qual um grande *Iran*, Cabral é evocado de tempos em tempos para olhar para os filhos da Guiné-Bissau, trazer proteção e guiar os homens e mulheres para os caminhos da liberdade, revelando a face de um mito-vivo (ainda que morto) cuja influência nos arranjos da luta armada de libertação nacional continuam a fazer eco na literatura guineense. É verdade que a Guiné-Bissau, ainda hoje, sofre com os resquícios da colonização, causando abalos internos e desestabilização político-social, mas esse é um capítulo da história a ser contado em outro momento.

Referências

ANDRADE, Mário Pinto de. A guerra do povo na Guiné-Bissau. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, Cadernos Livres, 1975.

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CABRAL, Amílcar. Unidade e Luta. Nova Aurora. Lisboa. 1974.

CABRAL, Amílcar. Libertação nacional e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. (Org.). As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 355-376.

CAMPATO, Jr., João Adalberto. A poesia da Guiné-Bissau. São Paulo: Arte&Ciência, 2012.

CAMPATO, Jr., João Adalberto. Manual de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste. 1. ed. Curitiba/Rio de Janeiro: CRV, 2016.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa Odila. Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional: conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38994>. Acesso em: 18 jul. 2024.

CHABAL, Patrick. Amílcar Cabral: Revolutionary Leadership and People's War. London: Cambridge University Press, 1983.

COSTA, Saliatu da. Entrevista (2012). In: MELO, Luís Carlos Alves de. Poesia em conflito: marcas identitárias na poesia guineense contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2017. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6888>. Acesso em: 20 jul. 2024.

COUTO, H. H; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. Papiá: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, Brasília, v. 20, 2010.

EMBALÓ, Filomena. Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau. 2004. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MELO, Luís Carlos Alves de. Poesia em conflito: marcas identitárias na poesia guineense contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2017. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6888>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MOSER, Gerald. The Poet Amílcar Cabral. Research in African Literatures, v. 9, n. 2, p. 176–197, 1978. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3818936>. Acesso em: 20 jul. 2024.

OSÓRIO, Oswaldo. Emergência da poesia em Amílcar Cabral - 30 poemas. Praia: Grafedito, 1980.

REGALLA, Agnelo. Poemas. In: CONSELHO Nacional de Cultura. (Coord.). Mantêhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1974 (p. 9-17).

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FRANTZ, Fanon. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SAID, Nagib. Poemas. In: CONSELHO Nacional de Cultura (Coord.). Mantêhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1974 (p. 77-83).

TCHEKA, Tony. Poemas. In: CONSELHO Nacional de Cultura. (Coord.). *Mantinhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau*. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1974 (p. 29-36).

Recebido em 22/08/2024

Aceito em 16/12/2024